

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências
Humanas
Departamento de Geografia

Luís Fernando Chiu Mariano da Silva

A EPIDEMIA DE OBESIDADE E
SOBREPESO COMO RESULTADO DA FORMA
DE SE ALIMENTAR NA VIDA COTIDIANA: O
CASO DE OKLAHOMA CITY E A REALIZAÇÃO
DA SOCIEDADE URBANA

Trabalho de Graduação Individual

Orientadora:

Profa. Dra. Glória da Anunciação Alves

SÃO PAULO

2017

Luís Fernando Chiu Mariano da Silva

**A EPIDEMIA DE OBESIDADE E SOBREPESO COMO RESULTADO DA
FORMA DE SE ALIMENTAR NA VIDA COTIDIANA:
O caso de Oklahoma City e a realização da sociedade urbana**

Trabalho de Graduação Individual apresentado ao programa de graduação em Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, como parte dos requisitos para obtenção do título de Bacharel em Geografia.

Área de Concentração: Geografia Humana

Orientadora: Profa. Dra. Glória da Anunciação Alves

SÃO PAULO

2017

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

S586e Silva, Luís Fernando Chiu Mariano da
A epidemia de obesidade e sobrepeso como resultado da forma de se alimentar na vida cotidiana: o caso de Oklahoma City e a realização da sociedade urbana / Luís Fernando Chiu Mariano da Silva ; orientadora Glória da Anunciação Alves. - São Paulo, 2017.
48 f.

TGI (Trabalho de Graduação Individual)- Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Departamento de Geografia. Área de concentração: Geografia Humana.

1. Obesidade. 2. Sociedade Pós-Industrial. 3. Urbanização. 4. Espaço Urbano. 5. Capitalismo. I. Alves, Glória da Anunciação, orient. II. Título.

Dedico este trabalho a todos que colaboraram, incentivaram e me respeitaram durante a minha formação neste curso, pois me ajudaram a dar mais um passo importante em minha vida e na minha carreira.

AGRADECIMENTOS

À minha família, sobretudo os meus pais, por estarem sempre presente e sempre me apoiarem em todas as minhas decisões, e não me deixarem desistir mesmo quando os problemas parecem não ter solução;

À minha orientadora Glória de Anunciação Alves, por ter me ajudado a definir o rumo da pesquisa e ter dado o suporte necessário para o nascimento e a concretização do meu trabalho;

À todos que colaboraram direta ou indiretamente com esta pesquisa;

Ao meu tio Joel, pelos ensinamentos e lições de vida, que eu levarei comigo para sempre;

Ao meu grande amigo Charles Menezes, por me mostrar que com garra e dedicação podemos superar quaisquer obstáculos, e jamais desistir dos nossos sonhos;

E à Fausto Fanti e Marco Antônio Alves, por terem formado o meu caráter.

“Devemos comer para viver, e não viver para comer.”

(Molière, Jean-Baptiste Poquelin, 1668)

RESUMO

SILVA, Luis F. C. M. *A epidemia de obesidade e sobrepeso como resultado da forma de se alimentar na vida cotidiana: o caso de Oklahoma City e a realização da sociedade urbana*. Trabalho de Graduação Individual. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – Departamento de Geografia. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2017.

Este trabalho tem como objetivo analisar a atual pandemia de obesidade e sobrepeso, tidos como fatores de risco para várias doenças crônicas, partindo do pressuposto que ela se realiza como consequência do modo de viver e de se alimentar da sociedade burocrática do consumo dirigido, que, sob a lógica do capital, tem o espaço moldado em função do consumo. Utilizando do estudo bibliográfico, a pesquisa busca demonstrar como diferentes fatores contribuem para que os alimentos sejam consumidos pelo seu valor de troca, e, por se tornarem uma mercadoria, é incentivada ao consumo em excesso, que acarreta no ganho de peso. Relacionando-os com a vida cotidiana, o lugar onde ocorre a produção das relações sociais, analisa-se o caso de *Oklahoma City*, um município dos Estados Unidos que exemplifica uma cidade industrial, um ambiente voltado ao consumo, e, por isso, tem uma das maiores taxas de obesidade e sobrepeso do mundo. Entretanto, foram tomadas iniciativas para combater-las por meio de uma reforma urbana orientada às necessidades da população. Embora o quadro não tenha sido revertido, o caso ilustra a importância de se considerar o espaço da cidade como uma das medidas na luta contra a adversidade em questão, para a realização da sociedade urbana possível. Segundo Lefebvre, somente pela urbanização e pela reaquisição do direito à cidade é que é possível superar a cotidianidade e transformá-la. Porém, para isso, é necessário transformar o próprio sistema capitalista, e os impactos só serão significantes por meio de uma revolução urbana, o que confere o atual caráter utópico à solução do problema da obesidade e do sobrepeso.

Palavras Chave: obesidade; sobrepeso; doenças crônicas; cotidiano; consumo dirigido; Lefebvre; Oklahoma City; sociedade urbana; direito à cidade; revolução urbana

ABSTRACT

SILVA, Luis F. C. M. *The epidemic of obesity and overweight as a result of the way of eating in the everyday life: the case study of Oklahoma City and the fulfillment of the urban society*. Bachelor's Degree in Geography Monography. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – Departamento de Geografia. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2017.

This paper has as an objective to analyze the current pandemic of obesity and overweight, taken as risk markers for many chronic diseases, from the assumption that it comes to happen as a consequence of the way of living and eating of the bureaucratic society of controlled consumption, that, under the logic of the capital, has the space shaped in function of the consumption. By using a bibliographic study, the research aims to demonstrate how different factors contribute for the food to be consumed by their exchange value, and, by becoming a commodity, is encouraged to the consumption in excess, which brings about weight gain. Connecting them with the everyday life, the place where the production of the social relations occurs, it is analyzed the case of Oklahoma City, a county in the United States of America that exemplifies an industrial city, an environment turned to consumption, and, because of that, has one of the highest rates of obesity and overweight in the world. However, initiatives were taken to fight them by means of an urban reform oriented to the necessities of the population. Although the scenario wasn't reversed, the case illustrates the importance of considering the space of the city as one of the measures in the fight against the adversity in question, for the fulfillment of the possible urban society. According to Lefebvre, only by the urbanization and the reacquisition of the right to the city it is possible to overcome the everyday life and transform it. Yet, for that, it is necessary to convert the capitalist system itself, and the impacts will only be significant by means of an urban revolution, which confers the current utopic characteristic to the solution for the obesity and overweight problem.

Keywords: obesity; overweight; chronic diseases; everyday life; controlled consumption; Lefebvre; Oklahoma City; urban society; right to the city; urban revolution

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
1 ALIMENTAÇÃO HUMANA: DA PRÉ HISTÓRIA À SOCIEDADE BUROCRÁTICA DO CONSUMO DIRIGIDO.....	13
1.1 Alimentação: agricultura, produção do espaço e o surgimento do comércio.....	14
1.2 A Revolução Industrial e a ideologia do consumo.....	17
1.3 Como a Sociedade Burocrática do Consumo Dirigido redefine a alimentação no cotidiano.....	20
2 A CIDADE DE OKLAHOMA E A LUTA CONTRA A OBESIDADE: UM CASO DE URBANIZAÇÃO.....	32
2.1 <i>Oklahoma City</i> , um ambiente de consume alimentar e uma das cidades mais obesas dos Estados Unidos.....	32
2.2 A “Guerra contra a Obesidade” de <i>Oklahoma City</i> : alguns passos rumo ao resgate do Direito à Cidade.....	34
2.3 A superação da obesidade pela superação da própria cotidianidade, a Revolução Urbana.....	39
CONSIDERAÇÕES FINAIS	42
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	45

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem como proposta dar uma abordagem geográfica à um grande problema de saúde pública mundial: a epidemia de obesidade e sobrepeso. Doença de caráter complexo e multifatorial, carece por essa razão de estudos sob diversas perspectivas.

A OMS (Organização Mundial da Saúde) define a obesidade e o sobrepeso como uma acumulação anormal ou excessiva de gordura no tecido adiposo que pode prejudicar a saúde, medido pelo IMC (Índice de Massa Corpórea), uma razão entre o peso e a altura de uma pessoa. O excesso de peso é um fator de risco para várias doenças crônicas, como diabetes, doenças cardiovasculares, degenerativas e câncer. Hoje elas representam cerca de 60% das mortes no mundo, ultrapassando as causadas por desnutrição em todas as regiões do mundo, com exceção de partes da África Subsaariana e da Ásia (WHO, 2016).

Em 2014, mais de 1,9 bilhões de adultos acima de 18 anos de idade estavam acima do peso, sendo que 600 milhões eram obesos. No geral, por volta de 13% da população adulta mundial era de obesos, onde 11% eram homens e 15% mulheres. Na questão do sobrepeso, a porcentagem era de 39% dos adultos, em que 38% eram homens e 40% mulheres (WHO, 2016). Nota-se a prevalência das condições nas pessoas do sexo feminino.

Mais alarmante ainda, um número estimado de 41 milhões de crianças com menos de 5 anos apresentavam sobrepeso ou obesidade nesse ano. Essa condição não é mais considerada como um problema de primeiro mundo, atingindo países de baixa e média renda, particularmente em cenários urbanos (WHO, 2016).

A causa fundamental da obesidade e do sobrepeso é um desequilíbrio energético entre calorias¹ consumidas e calorias gastas. Ainda segundo a OMS, globalmente, houve um aumento no consumo de comidas de alta densidade energética ricas em gorduras e carboidratos simples e um declínio das atividades físicas devido à natureza sedentária de muitas formas de trabalho, além da mudança do sistema de meios de transporte e à urbanização (WHO, 2016).

¹ Uma caloria é uma unidade de medida que corresponde à quantidade de calor necessária para elevar a temperatura de um grama de água de 14,5°C a 15,5°C. A comida fornece a energia que supre o trabalho realizado pelo corpo dos animais, que é medida pelo calor que ela produz e representada em unidades de caloria (NESTLE, 2012, p.17).

Faz-se importante entender e analisar as condições que levaram à esse aumento no consumo energético e estilo de vida sedentário, para o planejamento de soluções adequadas. Segundo Josué de Castro, um dos grandes obstáculos à isso reside no pouco conhecimento dos problemas em conjunto, como um complexo de manifestações simultaneamente biológicas, econômicas e sociais, cujos estudos são geralmente limitados a um dos seus aspectos parciais, projetando uma visão unilateral do problema (1984, p.23).

Por isso, a pesquisa pretende contribuir com a discussão acerca da obesidade e do sobrepeso no contexto da lógica capitalista, e como essas condições são o reflexo do modo de viver dessa sociedade, que age sobre o consumo e por meio do consumo, ou seja, organizando e estruturando a vida cotidiana (LEFEBVRE, 1991, p.67). O presente trabalho utilizou da revisão bibliográfica e documental para compreender as mudanças ocorridas no modo de vida da população que levou à essa epidemia global.

Na antiguidade, a obesidade provavelmente afetou alguns seres humanos devido à maior disponibilidade de alimentos a partir da agricultura e à propensão genética de algumas pessoas (TRUSWELL, 2013, p.1 e 18); no entanto, não possuía caráter epidêmico até o século XX. Globalmente, ela mais que dobrou desde 1980 (WHO, 2016). Não é coincidência que o surto ocorra nessa época, a etapa avançada do desenvolvimento industrial capitalista devido à elevação quase ilimitada da produção.

As políticas baseadas no *Keynesianismo* se generalizam no mundo capitalista nesse período, onde o consumo invade toda a vida e as atividades de modo combinatório, organizado e culturalizado, condicionando o tempo e o espaço (BAUDRILLARD, 1991, p.19). O lugar do consumo é a vida cotidiana (ibidem, p.25), onde os alimentos se tornam uma mercadoria e passam a ser consumidos pelo seu valor de troca, transformando-se em uma necessidade dirigida.

Segundo a OMS, a obesidade e o sobrepeso podem ser prevenidas por meio do suporte às pessoas na escolha de alimentos saudáveis e à prática de atividades físicas, fundamentadas por ambientes e comunidades de apoio, e políticas como impostos e taxações sobre a indústria de alimentos (WHO, 2016).

A primeira parte do projeto faz um levantamento dessas dificuldades que se fazem presente quando analisamos a atual sociedade burocrática do consumo dirigido, sob a lógica do capital, e nos deparamos com os obstáculos que impedem

tais medidas de serem tomadas, como o grande poder e a manipulação da indústria de alimentos, discutida à amplo por Marion Nestle em seu livro *Food Politics*, e à própria natureza do capitalismo, que estrutura e organiza o tempo e espaço em função do consumo. Sendo assim, a superação da obesidade e do sobrepeso adquire uma complexidade que vai além do simples alerta à população, requerendo uma mudança social que tenha impacto na vida cotidiana.

Se o próprio tempo e espaço das cidades é organizado pelo e para o consumo, e resultam em um ambiente que incentiva o comer em excesso, faz-se necessária uma reestruturação do espaço que seja capaz de realizar o urbano possível, dentro da proposição de Lefebvre de readquirir o direito à cidade.

Para isso, a segunda parte do trabalho utiliza do caso de *Oklahoma City* (Cidade de Oklahoma) para discutir a sociedade urbana e a saída possível por meio dela. Trate-se de um município dos Estados Unidos com uma das maiores taxas de obesidade e sobrepeso do mundo, atreladas à uma forte cultura centrada no carro. É uma cidade totalmente construída em torno do automóvel, sem calçadas, poucos espaços de lazer e inúmeros restaurantes de *fast food*.

A cidade foi escolhida pois apresentou uma proposta diferenciada na luta contra o obesidade. O governo adotou medidas para combater o estilo de vida sedentário da população que foram além de campanhas de conscientização, por meio de uma reestruturação do município, construindo calçadas, parques, ciclovias, centros esportivos e melhorando o transporte público. São ações voltadas à melhoria da vida social da comunidade.

Conforme Lefebvre, apenas a vida social na sua capacidade global auxiliam certas tendências a se formar. O arquiteto, o urbanista, o sociólogo, o economista, o filósofo ou o político podem, separadamente ou em equipe, propor, tentar ou preparar formas e sobretudo inventariar a experiência obtida, tirar lições dos fracassos, ajudar o parto do possível através de uma maiêutica nutrida de ciência (2001, p.109).

Por mais que *Oklahoma City* não tenha conseguido reverter o quadro da obesidade e do sobrepeso, assim como nenhuma outra cidade no mundo (NG et al., 2014), as providências tomadas pelo governo para a população e em união à ela demonstram o valor de se pensar no espaço concebido e nas relações sociais na batalha contra essa epidemia, tendo uma grande importância no futuro para a reversão desse problema:

a utopia deve ser considerada experimentalmente, estudando-se na prática suas implicações e consequências. Estas podem surpreender. Quais são, quais serão os locais que socialmente terão sucesso? Como detectá-los? Segundo que critérios? Quais tempos, quais ritmos de vida cotidiana se inscrevem, se escrevem, se prescrevem nesses espaços “bem sucedidos”, isto é, nesses espaços favoráveis à felicidade? É isso que interessa (LEFEBVRE, 2001, p.110).

Assim, a proposição da pesquisa é a discussão da sociedade industrial atual e a urbana possível para vencer a obesidade e o sobrepeso, que infelizmente ainda possui caráter utópico.

1. ALIMENTAÇÃO HUMANA: DA PRÉ HISTÓRIA À SOCIEDADE BUROCRÁTICA DO CONSUMO DIRIGIDO

Os seres vivos necessitam de energia para sobreviver, e, no caso dos humanos, classificados como animais pela biologia, só conseguem adquiri-la por meio do consumo de alimentos. Para a manutenção e funcionamento das atividades fisiológicas, as espécies de animais evolutivamente desenvolveram mecanismos que os fizessem buscar comida para providenciar um fluxo constante de energia, e seu armazenamento para períodos em que houvesse dificuldade em encontrá-la. Ao primeiro, utiliza-se o termo “fome”, uma sensação física, associada ao desconforto, que traduz a necessidade e o desejo de comer; o segundo refere-se a “engordar”, que consiste na acumulação energética sob a forma de gordura no tecido adiposo.

Por ser um animal racional, o ato de comer dos seres humanos vai além das necessidades biológicas, envolvendo também relações pessoais, sociais e culturais. Assim sendo, segundo Maria Leonardo (2009, p.2-3), os métodos de procurar e processar os alimentos estão ligados à expressão cultural e social de um povo, onde de acordo com a Antropologia Ecológica, os parâmetros passam da produção de subsistência para a produção industrial em três estágios.

No primeiro, nas sociedades primitivas, não havia a possibilidade de crescimento de grandes comunidades, pois elas eram caçadores-coletores, ou seja, sobreviviam da caça, pesca e colheita natural, sem plantações e esforços para produzir, constituindo uma relação de dependência do que a natureza oferecia, cujo nível de subsistência só era capaz de sustentar grupos pequenos.

O segundo estágio é onde o homem passa a domesticar plantas e animais, passando a ser produtor, um fato decisivo para a história humana. A agricultura e a pecuária tomam formas expressivas na alimentação de uma sociedade, o que permite o desenvolvimento de pequenas cidades ao redor de regiões férteis, e o surgimento de novos tipos de trabalhos não vinculados diretamente ao cultivo da terra. É o momento que possibilita o aparecimento do comércio, começando com a troca e venda local dos bens produzidos.

A Revolução Industrial é o ponto de partida do terceiro estágio, em que se estabelece uma relação mútua entre a concentração de pessoas nos centros

urbanos e a necessidade de produção em grandes escalas de alimentos, com a inserção da produção industrial.

Essa nova era na produção de alimentos e a explosão demográfica que ocorre introduz uma mudança nos problemas ligados à alimentação, surgindo pela primeira vez adversidades relacionadas ao excesso de comida. O estudo dessa questão em particular requer uma análise e entendimento dos processos que levaram à essa transição da escassez à abundância de alimentos.

1.1. Alimentação: agricultura, produção do espaço e o surgimento do comércio

Pela maior parte da história humana, o grande problema alimentar enfrentado pelos homens foi a luta contra a fome. Ainda sujeitado às condições impostas pela natureza, na pré-História, do período Paleolítico até o final do Mesolítico, os seres humanos viviam em grupos nômades, e sua alimentação provia da caça, pesca e coleta de alimentos. Tal escassez, hostilidade do meio ambiente e as mudanças climáticas forçavam a migração dos homens movendo-os constantemente, levando-os à ocupar as diversas regiões do globo. Até que, há cerca de dez mil anos atrás, passaram a domesticar algumas plantas e animais.

Segundo Sá (2001, p.1), essa domesticação se deu devido tanto à fatores histórico-culturais como à casualidade. Dentre as diversas teorias, há uma que sugere que os coletores do Médio Oriente recolhiam grãos rijos de espigas silvestres e os carregavam até os acampamentos onde viviam, derrubando no caminho alguns destes grãos, que teriam germinado posteriormente. Ao observar esse fenômeno, o Homem neolítico teria então experimentado semear grãos de trigo, cevada ou centeio ao redor de seus acampamentos, começando então a cultivar a terra. O passo seguinte foi a domesticação de animais, encurralando os que se aproximavam de suas habitações por meio de cercados.

Como exatamente a agricultura foi inventada não é tão importante quanto o impacto que ela teve na sociedade humana (WEISDORF, 2005, p.568). De acordo com o autor, esse é o momento decisivo de crescimento econômico e desenvolvimento das relações de trabalho, pois o excedente alimentar tornou possível pela primeira vez o estabelecimento de um setor de trabalho não-produtor de comida, como artesãos, chefes e burocratas, que permitiram inovações técnicas

como a escrita, metalurgia, cidades e princípios científicos, fatores necessários para a Revolução Industrial e a acumulação de capital.

Tão impactante é a sedentarização do *homo sapiens*, que tal marco recebe o nome de “Revolução Neolítica”. Não tendo mais que passar os dias reunindo grandes quantidades de alimentos, “[...] os seres humanos poderiam agora empregar seu tempo e seus recursos metabólicos para outros propósitos, como criar uma cultura.” (POLLAN, 2014, p.15). É possível afirmar então que a necessidade de se alimentar moldará a sociedade atual. A partir do surgimento da agricultura, o homem muda a sua relação com a natureza, não sendo mais dependente das pressões exercidas pelo meio ambiente para sobreviver, passando a se apropriar e a transformar o espaço, por meio do emprego e desenvolvimento de técnicas. Milton Santos (2006, p.16) define-as como “[...] um conjunto de meios instrumentais e sociais, com os quais o homem realiza sua vida, produz e, ao mesmo tempo, cria espaço.” O homem começa a utilizar seu intelecto para aprimorar o cultivo da terra, com a criação de novos instrumentos e o desenvolvimento de meios técnicos como a metalurgia. Todos esses fatores vão permitir a evolução gradual até a sociedade moderna, e se devem à essa apropriação e produção de espaço, cujo desenvolvimento social não era possível nas comunidades nômades. De acordo com Santos (2006, p.85),

A primeira presença do homem é um fator novo na diversificação da natureza, pois ela atribui às coisas um valor, acrescentando ao processo de mudança um dado social. Num primeiro momento, ainda não dotado de próteses que aumentem seu poder transformador e sua mobilidade, o homem é criador, mas subordinado. Depois, as invenções técnicas vão aumentando o poder de intervenção e a autonomia relativa do homem, ao mesmo tempo em que se vai ampliando a parte da “diversificação da natureza” socialmente construída.

A agricultura reúne um conjunto de aspectos favoráveis ao aumento demográfico da espécie, fazendo com que aparecessem também as primeiras vilas agrícolas, transformando radicalmente sua organização política, socioeconômica, cultural e administrativa (SÁ, 2001, p.3). O grande centro de sua expansão e difusão foi o Crescente Fértil, e os excedentes de produção permitiram à algumas culturas o desenvolvimento do comércio. Segundo Titiev (1963, p.139), “Por volta do ano 3000 A.C. os métodos da Agricultura mista tinham-se desenvolvido a um ponto tal que os aglomerados humanos, mais favorecidos, tinham a possibilidade de se dedicarem ao comércio de longa distância” (apud SÁ, 2001, p.5). O que se segue na chamada Idade dos Metais é uma expansão territorial, marcada pelo desenvolvimento e

utilização de moedas de metais, o que permitiu a aquisição de terras e de riquezas pelos povos, além do surgimento de formas de escrita alfabéticas.

À partir desse crescimento, nascem as civilizações do mundo antigo e o surgimento das cidades, que são ao mesmo tempo o local e o meio onde ocorrem as interações sociais (LEFEBVRE, 2001, p.58). As consequências do modo de produção agrícola de determinados lugares e as técnicas empregadas vão moldar gradativamente um tipo de política e economia específicos. De acordo com o autor, “a cidade oriental e arcaica foi essencialmente política: a cidade medieval, sem perder o caráter político, foi principalmente comercial, artesanal, bancária. Ela integrou os mercadores outrora quase nômades, relegados para fora da cidade.” (LEFEBVRE, 2001, p.11). Na cidade antiga, a riqueza era proveniente da terra e esta era a fonte do sustento tanto da classe mais alta como das classes mais baixas (SÁ, 2001,p.7). Na “[...] Idade Média, houve um aperfeiçoamento lento dos modos de produção de alimentos. A alimentação não se desenvolveu, ocorrendo, ainda, um recuo às práticas primitivas, principalmente relacionadas à época de penúria e fome.” (ABREU et al., 2001, p.5). O que ocorre após é o surgimento do “Mercantilismo”, onde a produção agrícola não mais representará o setor principal, dando lugar ao comércio, possibilitando a acumulação de riquezas, que resultará no desenvolvimento da sociedade industrial.

A expansão do comércio teve um enorme impacto na alimentação mundial, pois permitiu a disseminação de diferentes tipos de alimentos e a introdução de plantas e animais em novas áreas. A busca por especiarias fez com que se estabelecessem relações comerciais entre as civilizações da Europa, Oriente Médio e Ásia, além de dar início às grandes navegações.

Durante a história, o poder econômico e o monopólio do comércio passaram por vários povos e nessas conquistas e descobertas houve um intercâmbio de cultura, hábitos, culinária e conhecimentos. (ABREU et al., 2001, p.5).

Assim, os hábitos alimentares no período colonial formaram-se a partir da mescla de diferentes culinárias, adquirindo características e peculiaridades influenciadas pelas correntes migratórias, adaptações ao clima e disponibilidade de alimentos, desenvolvendo culturas alimentares diversificadas (FRANÇA et al., 2012, p.2).

Os dois primeiros estágios da produção alimentar humana são caracterizados pela dependência da natureza e sua subsistência, formando uma relação interdependente entre o tamanho da população e sua capacidade de produzir

alimentos. O avanço da ciência e da técnica no século XIX proporcionam a integração da natureza ao modo de produção, formando com ela uma nova relação econômica-social através do trabalho. O desenvolvimento do capitalismo desencadeado pela ascensão da classe burguesa e do comércio iniciam um processo que romperá esse modelo. Através dela, a chamada Revolução Industrial cria um novo paradigma, pois possibilita um aumento da quantidade de alimentos produzidos, fazendo com que haja um crescimento das populações e de sua concentração nos centros urbanos, que por sua vez, cria uma demanda por mais comida, influenciando diretamente o trabalho e o modo de produção.

1.2. A Revolução Industrial e a ideologia do consumo

A Revolução Industrial traz inúmeras mudanças sociais, econômicas e políticas, que terão um enorme impacto no modo de vida do ser humano, e, conseqüentemente, na sua alimentação. A industrialização resultou em um aumento da população e no fenômeno de urbanização, com um grande número de pessoas migrando para os centros urbanos em busca de emprego. A burguesia prosperou e enriqueceu, a partir da exploração de uma nova classe que surge nesse período, o trabalhador assalariado. O proletariado se sujeitou a viver com o mínimo de conforto em lugares superlotados, e as mulheres começaram a trabalhar em serviços domésticos e indústrias têxteis, passando menos tempo e exercendo menos atividades no ambiente familiar.

A compra e o uso dessa energia física, em condições sub-humanas, para a apropriação privada da mais-valia, traziam consigo os revoltantes aspectos desumanos da exploração; a noção marxista denuncia a dor física e a miséria do trabalho (MARCUSE, 1973, p.42).

Mais importante ainda, a industrialização e a urbanização levaram à uma mudança social e política, como demandas por direitos trabalhistas e políticos e à igualdade, legitimando uma nova ideologia da necessidade, a busca perpétua à felicidade, atingida somente pela satisfação (BAUDRILLARD, 1991, p.48). Segundo o autor (ibidem, p.52),

a sociedade de consumo, no seu conjunto, resulta do compromisso entre princípios democráticos igualitários, que conseguem aguentar-se com o mito da abundância e do bem-estar, e o imperativo fundamental de manutenção de uma ordem de privilégio e de domínio.

O Estado passa a exercer importantes funções regulatórias. No entanto, este está, segundo Marx, à serviço da burguesia. No mundo antigo e na Idade Média, a

primeira forma da propriedade é a tribal, com várias tribos coabitando em uma mesma cidade, a propriedade fundiária. Condicionada pela indústria e concorrência universal, ao chegar no capitalismo moderno, é representada pela propriedade privada no estado puro, despojada de todo aspecto de coletivo e tendo excluído toda ação do Estado sobre o desenvolvimento da propriedade. É a ela que corresponde o Estado moderno, adquirido pelos proprietários privados através dos impostos, dependendo do crédito comercial concedido pelos burgueses (MARX et al., 2001, p.73). O “[...] Estado não é outra coisa senão a forma de organização que os burgueses dão a si mesmos por necessidade, para garantir reciprocamente sua propriedade os seus interesses [...]” (ibidem, p.74). Todo esse contexto redefine a alimentação humana em diferentes aspectos interdependentes.

Em primeira instância, há um crescimento na produção alimentar pelo emprego de técnicas agrícolas, por meio da mecanização, avanços da genética e processos de cultivo da terra. Ao mesmo tempo, surge a Indústria de Alimentos, que utiliza o desenvolvimento científico de procedimentos de armazenamento e conservação de alimentos para iniciar uma produção em grande escala de comida. O Estado desenvolve leis e políticas de incentivo que a assessora. Esse crescimento é acompanhado da introdução constante de novos produtos, produzindo simultaneamente bens e necessidades (BAUDRILLARD, 1991, p.62).

Por um outro lado, a industrialização e a urbanização estabelecem um novo *modus vivendi*, que, resultado da separação entre o trabalho no campo e o comércio, suscita, por sua vez, uma nova divisão da produção nas cidades (BAUDRILLARD, 1991, p.60). “A indústria não completa a agricultura; a produção industrial não coexiste pacificamente com a produção agrícola: ela a absorve” (LEFEBVRE, 1991, p.53).

Esse sistema, baseado na obtenção do lucro máximo através da exploração da classe assalariada, devido à grande disponibilidade de mão de obra nas cidades superlotadas, define uma nova rotina que torna a maior parte do dia das pessoas voltada ao trabalho, negligenciando e colocando em segundo plano a alimentação e as atividades de lazer. Mais ainda, a economia se torna fundada no consumo do valor de troca, e não de uso dos produtos, e o que eles simbolizam. O capitalismo só se mantém ao transformar o indivíduo em consumidor: “o sistema precisa dos homens como trabalhadores (trabalho assalariado), como economizadores

(impostos, empréstimos, etc.) e, cada vez mais, como consumidores.” (BAUDRILLARD, 1991, p. 84).

É esse o contexto em que ocorre a transição nutricional, da escassez ao excedente, favorecendo a mudança ao ambiente alimentar que incentiva o consumo de mais comida, sob a forma de signos além das necessidades fisiológicas, cujo resultado será a epidemia de obesidade no final do século XX (NESTLE, 2012, p.128). Até o início desse século, os casos de pessoas obesas eram pontuais, e o sobrepeso era considerado como saudável (TRUSWELL, 2013, p.6), tendo em vista que a fome e a desnutrição foram as grandes adversidades enfrentadas pela humanidade até a Revolução Industrial: “a escassez não acaba de uma vez, numa bela manhã” (LEFEBVRE, 1991, p.29).

Desse modo, nota-se a característica moderna da obesidade; ela surge somente quando o indivíduo se torna consumidor e se estabelece o consumo de signos. Até então, a obesidade era vista somente pelo caráter endócrino da doença ou considerado como falta de disciplina ao se alimentar (TRUSWELL, 2013, p.5). Apenas na década de 90 é que se toma consciência do problema, pois a prevalência da obesidade e do sobrepeso aumentam drasticamente a partir dos anos 80 nos grandes países (TRUSWELL, 2013, p.12), tomando proporções epidêmicas subsequentemente, passando a ser encarada como problema social.

O surto da obesidade nos países desenvolvidos a partir da década de 80, de acordo com Marion Nestle (2012, p.127), ocorreu devido a um aumento no consumo energético pelas populações. A autora afirma como motivo a mudança no ambiente alimentar, encorajando as pessoas a comerem em mais lugares, mais vezes ao dia e em porções maiores, como consequência do crescimento da produção de alimentos e a necessidade de buscar novos mercados e maneiras de ampliar as vendas (NESTLE, 2012, p.130). Conforme Grvasi, “o crescimento é acompanhado pela introdução constante de novos produtos à medida que a elevação dos rendimentos alarga as possibilidades de consumo” (apud BAUDRILLARD, 1991, p.61).

Essa passagem da pandemia das doenças agudas às doenças crônicas é um produto e resultado do capitalismo moderno e suas contradições, sendo possível somente pelo novo *modus vivendi* da sociedade urbana, que configura o espaço em função do suprimento das falsas necessidades estabelecidas por ela: “[...] a mais alta produtividade do trabalho, e a mais eficiente industrialização pode servir à

restrição e manipulação das necessidades” (MARCUSE, 1973, p.37). Está na cotidianidade as causas dessa problemática, pois ela é

[...] o lugar em que se formulam os problemas concretos da produção em sentido amplo: a maneira como é produzida a existência social dos seres humanos, com as transições da escassez para a abundância e do precioso para a depreciação (LEFEBVRE, 1991, p.30).

Torna-se necessário estudar o espaço, o tempo e o desejo como suas variáveis determinantes e como elas se relacionam com o modo de produção capitalista e a urbanização, que acaba por comprimi-los na chamada Sociedade Burocrática do Consumo Dirigido.

1.3. Como a Sociedade Burocrática do Consumo Dirigido redefine a alimentação no cotidiano

Segundo Lefebvre, o cotidiano é estruturado por forças políticas e formas sociais, constituindo um sistema com um bloqueio próprio: produção-consumo-produção. É objeto de todos os cuidados: domínio da organização e espaço-tempo da auto-regulação voluntária e planejada, onde delineiam-se as necessidades e encurrala-se o desejo, induzindo à busca perpétua da felicidade através da satisfação desses desejos (1991, p.94).

Desse modo, a vida cotidiana é o principal produto da sociedade dita organizada (LEFEBVRE, 1991, p.82), composta de subsistemas situados no plano real e imaginário, onde “[...] as pessoas projetam seu desejo sobre estes ou aqueles grupos de objetos, estas ou aquelas atividades: a casa, o apartamento, a mobília, a cozinha, a viagem de férias, a ‘natureza’ etc.” (ibidem, p.98). Assim, o ato de consumir é um ato tanto imaginário quanto real, não sendo possível distinguir o consumo de signos do consumo real (ibidem, p.100). A obesidade massificada é resultado do processo histórico e espacial que integra a alimentação à ideologia do consumo em todos os subsistemas: atos, organizações e instituições e textos (ibidem, p.109), em sua relação com a cotidianidade.

É comum associar a inserção das mulheres no mercado de trabalho, criando uma demanda por conveniência, como uma das causas da obesidade. Porém, por volta dos anos 80, metade das mulheres em idade de trabalhar já haviam integrado ao mercado de trabalho, e até 2007 a porcentagem cresceu em apenas 8% (NESTLE, 2007, p.129). A relação é inversa, a transferência do ato de cozinhar às

empresas e restaurantes desobrigou-as dessa tarefa, possibilitando que elas trabalhassem fora de casa (POLLAN, 2014, p.15). Desse modo, as mulheres

[...] são ao mesmo tempo sujeitos na cotidianidade e vítimas da vida cotidiana, portanto objetos, álibis (a beleza, a feminilidade, a moda, etc.) e é a elas que os álibis maltratam. São igualmente compradoras e consumidoras e mercadorias e símbolos da mercadoria (na publicidade: o nu e o sorriso) (LEFEBVRE, 1991, p.83).

As evidências indicam como motivos mais prováveis à obesidade as políticas agrárias e o mercado de ações, que transformou a maneira de agir das grandes corporações (NESTLE, 2007, p.129).

Em 1973 e 1977, o congresso americano aprovou leis de incentivo aos fazendeiros, estimulando-os a plantar o máximo possível, aumentando a produção de alimentos. A indústria alimentar teve que encontrar novas maneiras de vender produtos, criando um ambiente que oferecesse uma ampla gama de variedades, além das necessidades da população americana (NESTLE, 2012, p.130). Essa “abundância” faz com que essa indústria desenvolva estratégias que atinjam os consumidores em todos os planos possíveis para vender esses produtos. Tem-se o consumo dirigido discutido por Lefebvre, a adaptação do capitalismo à “vida moderna”, deixando de produzir ao acaso para um mercado aleatório (1991, p.66) como era anteriormente, direcionando os produtos ao indivíduo. A burguesia percebeu a possibilidade de agir sobre o consumo e por meio do consumo, organizando e estruturando a vida cotidiana (ibidem, p.67). Segundo Baudrillard, esse problema fundamental do capitalismo está

[...] entre a produtividade virtualmente limitada (ao nível da tecno-estrutura) e a necessidade de vender os produtos. Nesta fase, é vital para o sistema controlar não só o aparelho de produção, mas a procura do consumo; não apenas os preços, mas o que se procurará a tal preço. O efeito geral, que por meios anteriores ao próprio ato de produção (sondagens, estudos de mercado) quer posteriores (publicidade, *marketing*, condicionamento), é “roubar ao comprador – esquivando-se nele a todo o controle – o poder de decisão e transferi-lo para a empresa, onde poderá ser manipulado” (1991, p.71).

A legitimação oficial dessa sociedade é a satisfação, uma saturação tão rápida quanto possível, onde as necessidades estipuladas são preenchidas pelo consumo e pelo consumidor. Para que ela se torne rentável, é estimulada em um ciclo, sempre de maneiras diferentes, oscilando entre a satisfação e a insatisfação (BAUDRILLARD, 1991, p.89): atualmente, os fabricantes lançam cerca de 20000 novos produtos no mercado alimentar todo ano, consequência das políticas de incentivo citadas, pois o custo baixo das *commodities* faz com que as indústrias

alimentares criem e lancem novas formas de alimentos processados (NESTLE, 2012, p.130). O preço baixo final desses produtos também se torna um atrativo, e são mais baratos se comparados a alimentos saudáveis em uma relação fornecimento energético/preço (ibidem, p.131).

Esse fato esclarece uma aparente contradição da ocorrência da obesidade em populações pobres, vinda de sua associação à abundância de alimentos e a pobreza à escassez de recursos. Conforme discutido por Crispim, essa doença já alcançou níveis alarmantes em países de capitalismo periférico, principalmente nas áreas urbanas (2012, p.106), com a maior incidência na população feminina e de menor escolaridade (ibidem, p.107). A pesquisa da autora conclui que

[...] as escolhas alimentares são direcionadas – come-se o que é possível comer e o que está disponível nas prateleiras. Consequentemente, as opções alimentares dessa classe são bem mais restritas, comparadas às alternativas que populações ricas têm em face do seu poder de compra (ibidem, p.109).

Independente da classe social, o consumo de refeições fora de casa também aumenta como consequência do preço baixo dos alimentos, sendo a maior parte deles de baixa qualidade nutricional e alto valor energético; além disso, torna-se viável e até mesmo incentiva-se as pessoas a pedirem porções maiores de comida (NESTLE, 2012, p.130).

Uma abordagem importante para a indústria é a de criar novos hábitos alimentares no dia-a-dia das pessoas. Um fator limitante ao consumo de alimentos é a capacidade física de ingerir comida. Desse modo, incentiva-se ao máximo comer sempre que possível; mas quanto maior a frequência alimentar, maior a ingestão energética, levando ao sobrepeso (NESTLE, 2012, p.130). Devido à mudanças sociais, a prática de lanchar entre as refeições quase dobrou entre as décadas de 80 e 90, o que explica o desenvolvimento de sanduíches, saladas, iogurtes e sobremesas pré-embaladas e inovações como “barras energéticas”, cereais matinais, salgadinhos ou quaisquer outros alimentos designados a serem consumidos direto da embalagem (NESTLE, 2007, p.19).

Aproveita-se da sensação de mal estar causada pela fome para criar uma falsa necessidade de comprar um produto alimentício:

[...] essas instituições, veneráveis ou não, se completam, seus esforços convergem. Um reprimem o desejo, outras se ocupam das necessidades. As primeiras fazem reinar a ordem no inconsciente, as segundas, na consciência. (LEFEBVRE, 1991, p. 171).

Desse modo, consome-se o signo, e não o alimento pelo seu valor de uso. As pessoas comem “[...] não porque estão com fome, mas por causa da família e de amigos, embalagens e pratos, nomes e números, rótulos e luzes, cores e velas, formas e cheiros... A lista é quase tão infinita quanto invisível” (WANSINK, 2005, p.293, apud NESTLE, 2012, p.131, tradução nossa). Essa questão dificulta as regulamentações sobre a indústria alimentar, pois a comida é necessária para a vida, e só causa problemas quando consumida inadequadamente (NESTLE, 2007, p.2).

A grande adversidade a se enfrentar é que esse hábito se torna validado pela cientificidade. Uma das dificuldades da nutrição é que ela é mais baseada em probabilidades do que em absolutos, e, por isso, é sujeita à interpretação; logo, torna-se manipulável (NESTLE, 2007, p. 28). A autora investiga a esfera em que a ciência se mistura com a política. Atualmente, a maior causa de morte são as doenças crônicas associadas com a ingestão excessiva de comida e nutrientes; porém, recomendações de comer menos vão contra os interesses dos produtores de alimentos (ibidem, p.31).

Muitos cientistas do departamento governamental americano e do setor privado reforçavam a ideia da restrição dietética baseada em evidência científica, e o aumento do interesse público em nutrição durante a década de 80 contribuiu para sua receptividade, criando uma base de suporte às declarações federais sobre o papel desempenhado pela alimentação na saúde. “Como resultado – e talvez o de maior importância - a indústria alimentar reconheceu o potencial de utilizar guias alimentares com intuítos publicitários” (NESTLE, 2007, p.50, tradução nossa).

Lefebvre alerta quanto à cientificidade como forma de terrorismo, que se realiza através da escrita, alicerce da burocracia e dos seus métodos de organização (1991, p.169).

Ela racionaliza à sua maneira as vidas “privadas”; a consciência burocrática se identifica com a consciência social como a razão burocrática se identifica com a razão pura, e o saber burocrático com o conhecimento e, por conseguinte, a persuasão se identifica com a opressão, definindo-se assim o terror perfeito (ibidem, p.170).

A coisa escrita provoca a adesão, criam-se testemunhos e documentos que proveem informações inquestionáveis à população. “Competência, saber, racionalidade burocrática fundada sobre a escrita e justificada por ela se estendem até o mais insignificante pormenor” (LEFEBVRE, 1991, p.169). Segundo Nestle, a indústria de alimentos influencia tanto os guias de recomendações nutricionais,

através do lobismo do congresso e agências governamentais, quanto à própria nutrição como profissão (2007, p.111). Os recursos à pesquisa são escassos, e os cientistas necessitam de recursos financeiros para conduzi-las. Por isso, aceitam o patrocínio e subsídio de grandes empresas, que influenciam resultados e opiniões. Um estudo em 1996 demonstra que aproximadamente 30% de corpos científicos de universidades consentem verbas da indústria (NESTLE, 2007, p.117). Desse modo, estabelece-se um ambiente com excesso de informações, aparentemente verídicas, mas que na realidade estão dentro do interesse das corporações em vender seus produtos. É por meio desses procedimentos científicos que se instaura uma ideologia, a da mercadoria, e nessa sociedade ela faz parte do imaginário social e é mantida pela publicidade (LEFEBVRE, 1991, p.105).

Segundo Baudrillard, a publicidade é o mais notável meio de comunicação de massas da nossa época, e se dirige à todos os consumidores por meio de cada consumidor, e vice-versa. Ela decorre da própria lógica do meio autonomizado, orientando o consumo de signo para signo, de objeto para objeto e de consumidor para consumidor (1991, p.131). É a linguagem da mercadoria levada à mais alta elaboração, o modo de existência do objeto trocado e do valor de troca, separando a forma do conteúdo, ligando-a à uma prática social e tornando-se ela. A publicidade torna-se o primeiro dos bens de consumo, ela “[...] descreve, de modo a excitar o comprador ao ato da compra, os objetos destinados a um determinado uso e dotados de um valor de troca, com cotação no mercado” (LEFEBVRE, 1991, p.115). Nada vale, a não ser através da sua duplicata, tornando fictícios o desejo e o prazer, situando-os no imaginário; é ela que traz a “felicidade”, a satisfação ao estado de consumidor; “[...] a felicidade de consumir identificada com a felicidade imaginária daquela ou daquele que mostra o objeto a ser consumido, [...] o ato social que torna presentes os objetos [...] (ibidem, p.116).

A publicidade organiza a confusão entre o valor de uso e o valor de troca dos objetos, em proveito do segundo deles. Ela é tida como ideologia pois oculta uma concepção do mundo que direciona as escolhas.

Esse alguém lhe diz como viver cada vez melhor: o que deve comer e beber, como vestir-se e mobiliar a casa, como habitar. E aí está você programado. Salvo neste ponto: sobra a você a tarefa de escolher entre todas estas coisas boas, e o ato de consumir continua sendo uma estrutura permanente (ibidem, p.117).

Assim, a indústria de alimentos gasta bilhões de dólares por ano para estimularem as pessoas a comprarem seus produtos. Desenvolvem milhares de

produtos similares, fornecendo várias opções, criando a falsa ilusão de escolha, e utilizam extensivamente do *marketing* para induzir a venda.

Há um incentivo a parte ao *marketing* direcionado às crianças. Os publicitários sabem que os jovens constituem um ótimo mercado, e a atenção a esse grupo aumentou particularmente nos últimos anos, devido ao crescimento do poder aquisitivo delas (NESTLE, 2007, p.176). Para alcançar o público infantojuvenil, são empregadas diferentes técnicas, como uso de personagens e cores apelativas ao gosto delas nas embalagens, além do desenvolvimento de comidas que agradam ao paladar infantil, como doces ou salgadinhos, e propagandas na televisão e *internet* (ibidem, p.178). Desse modo, ocorre

a integração da juventude no mercado, no consumo, procurando-se para ela uma cotidianidade paralela. Tende-se a constituir uma essência, a juvenilidade, dotada de atributos e de propriedades comercializáveis, possuída por uma parte da população privilegiada, ou assim considerada, justificando-se desse modo a produção e o consumo de objetos marcados (roupas, entre outras coisas, que resumem e simbolizam os *blue jeans*). Essa entidade confere ao consumo em geral um certificado de inocência, e ao consumo dos jovens, um certificado de bom comportamento. Coloquemos então entre os mais brilhantes astros desse firmamento (LEFEBVRE, 1991, p.181).

A criação de diferentes mercados é também uma das estratégias empregadas, aproveitando-se do interesse da população pela saúde, à exemplo dos alimentos tabelados como saudáveis, os “diet”, “light”, “ integrais”, etc. As comidas rotuladas de tais maneiras encorajam uma maior ingestão energética. Algumas pesquisas do professor Wansink demonstram que consome-se mais calorias de produtos rotulados como “baixo teor de gordura”, “sem gordura *trans*” ou “orgânico”. Ele diz que “a maioria das pessoas têm ‘a sorte de não saber’ como o ambiente alimentar influencia o que elas comem” (2005, p.293, apud NESTLE, 2012, p. 131, tradução nossa).

Esses produtos encontram em particular nas mulheres o seu maior consumo, pois eles tem o pressuposto de emagrecerem. Há uma busca de se encaixarem nos padrões impostos de beleza atuais, que tornou-se para elas um imperativo absoluto e religioso. Porém, “[...] a verdade é que a beleza constitui um imperativo tão absoluto pelo simples fato de ser uma forma do capital” (BAUDRILLARD, 1991, p.140). Trata-se da redução do valor de uso ao valor de troca do corpo, que, na sua abstração, resume por si só a ideia do corpo glorioso e realizado, a ideia do desejo e do prazer (ibidem, p.141).

As mulheres se encontram divididas em uma sociedade que, ao mesmo tempo em que estabelece uma beleza ideal, um signo de consumo, o torna inatingível por criar um ambiente que induz ao excesso do consumo alimentar. A “[...] Feminilidade proíbe às mulheres reais o acesso à sua própria vida: a apropriação da sua vida. Ela subordina a individualidade e as particularidades (diferenças específicas) a generalidades estranhamente traiçoeiras” (LEFEBVRE, 1991, p.185).

Assim, a segmentação do mercado faz coexistirem tanto os produtos regulares quanto os denominados “saudáveis”, direcionados à públicos diferentes, utilizando da confusão de informações para comercializá-los e inseri-los, sob a estrutura escondida dos álibis, no cotidiano. É o “[...] significado de todas as partes: publicidade, técnicas de felicidade, ou melhor, de satisfação, organismos e organizações. [...] É efetivamente a inconsciência e o inconsciente da modernidade” (LEFEBVRE, 1991, p.127-128).

O atual ambiente do “coma mais” é invisível ao consumidor, mas não à indústria. Segundo David Kessler, a exposição à ele leva as pessoas a desejarem comidas de alto valor energético e a se tornarem “comilões condicionados” (2009, apud NESTLE, 2012, p.131). Tamanho é o seu poder de influência que até mesmo os mais informados têm problemas para enfrentar suas pressões, pois ele estabelece hábitos no cotidiano estruturando o próprio espaço e o tempo, onde “[...] as práticas da vida cotidiana podem ser e são convertidas nas ‘totalizações’ do espaço e do tempo organizados e controlados de maneira racional” (HARVEY, 1992, p.198). Assim, a demanda faz surgir novos lugares de venda e consumo de alimentos, como os restaurantes e supermercados, ou a venda de produtos alimentícios em lojas já existentes e até mesmo nas ruas.

O crescimento dos restaurantes começa a acontecer após a Revolução Francesa. De acordo com Flandrin e Massimo, o desemprego dos profissionais de cozinha da aristocracia fez com que esses *chefs* fossem obrigados a estabelecerem-se por conta própria, o que foi permitido pela instituição do livre comércio, rompendo as restrições de venda de comida (1998, apud VASCONSELOS, 2016, p.15).

A popularização desses locais ocorre quando os restaurantes mais caros entram na crise que segue à Segunda Guerra Mundial, originando os estabelecimentos mais simples, auxiliados pelo desenvolvimento automotivo. Eles deixam de ser um luxo e passam a suprir a necessidade dos moradores dos

subúrbios de se alimentarem em locais próximos ao trabalho (VASCONCELOS, 2016, p.18).

Conforme Nestle, nos Estados Unidos, a partir dos anos 1970, a despesa com alimentação fora de casa cresceu de um terço para cerca de metade dos gastos totais com comida, sendo a maior parte em redes de *fast food* (2012, p. 130). Segue-se a expansão do mercado de acordo com as exigências desse consumo; logo, torna-se viável o investimento em estabelecimentos de venda de comida, que acabam por modificar o espaço e gerar um complexo em função deles:

[...] cada objeto é, em si mesmo, um sistema, funcionando sistemicamente. Um grande supermercado ou *shopping center* seriam incapazes de existir se não fossem servidos por vias rápidas, estacionamentos adequados e acessíveis, sistemas de transportes públicos corri horários regulares e conhecidos e se, no seu próprio interior, as atividades não estivessem subordinadas a uma coordenação. Esse é o caso dos grandes edifícios, dos armazéns, dos silos etc. Os portos, a rede rodoviária de um país, e, sobretudo, a rede ferroviária são exemplos de objetos e complexos sistêmicos (SANTOS, 2006, p.145).

Para Canclini, o espaço é estruturado pela lógica dos mercados, que operam mediante a produção industrial de cultura, sua comunicação tecnológica e o consumo deferido e segmentado dos bens (1995, p.30). “A integração territorial é resultado dos processos de consumo, que também hierarquizam o espaço segundo as potencialidades de demanda e de oferta” (SANTOS, 2006, p. 191). Desse modo, o capitalismo faz com que a ocupação de determinado lugar não seja aleatória, pois ela se faz segundo as oportunidades de se obter lucro daquele local a partir das perspectivas de desenvolvimento comercial, de acordo com uma lógica de relações de troca (HARVEY, 2006, p.25).

A modificação dos complexos de venda de produtos se dá pelo e para o capitalismo. No início do século XX, predominavam as lojas independentes e mercearias, com atendimento personalizado, devido à pequena capacidade de mobilidade dos compradores (CYRILLO, 1987, apud FILHO, 2003, p.4). A necessidade de aumentar o giro das mercadorias, aliada à diminuição do poder aquisitivo da população americana durante a Grande Depressão popularizou o autosserviço, originando o supermercado. Esse sistema deixa a decisão de compra para o cliente, cuja escolha se torna influenciada pelas embalagens dos produtos e propagandas (CONNOR e SCHIECK, 1997, apud FILHO, 2003, p.6).

Os supermercados passam a oferecer maior número de itens, marcas e serviços, como estacionamento próprio, brinquedos e carrinhos mais modernos. A

urbanização, o aumento da população e da renda per capita provocam uma aceleração no consumo, causando uma expansão das lojas e uma busca por produtos de maior conveniência (CONNOR e SCHIECK, 1997, apud FILHO, 2003, p.6). “No domínio da produção de mercadorias, o efeito primário foi a ênfase nos valores e virtudes da instantaneidade (alimentos e refeições instantâneos e rápidos e outras comodidades) e da descartabilidade” (HARVEY, 1992, p.258).

É justamente a procura por essa conveniência que estabelece a ubiquidade dos produtos alimentícios, passando a ser vendidos em lojas que não eram relacionadas ao comércio de alimentos, como farmácias, postos de gasolina e lojas de móveis, o que torna comum e aceitável socialmente práticas como comer dentro de livrarias, por exemplo (NESTLE, 2012, p.130).

Os produtos que não puderam ser confinados nos lugares especializados invadem as ruas, e a venda de alimentos se espalha nelas, tanto no formal quanto no informal, como alternativa aos desempregados. Criticando o lado negativo da rua, Lefebvre a toma como sendo uma vitrina, um desfile entre as lojas, que tornam a mercadoria um espetáculo e transforma as pessoas em espetáculo umas para as outras, prevalecendo nela, mais do que nos outros lugares, a troca e o valor de troca sobre o uso (2002, p.30-31). Assim, pode-se falar de uma apropriação e reapropriação do espaço urbano que se efetua na rua pela imagem, publicidade e o espetáculo dos objetos tornados símbolos, que reforçam a aceleração do tempo:

a rua converteu-se em rede organizada pelo/para o consumo. A velocidade da circulação de pedestres, ainda tolerada é aí determinada e demarcada pela possibilidade de perceber as vitrinas, de comprar os objetos expostos. O tempo torna-se o “tempo-mercadoria” (tempo de compra e venda, tempo comprado e vendido). A rua regula o tempo além do tempo de trabalho; ela o submete ao mesmo sistema, o do rendimento e do lucro. Ela não é mais que a transição obrigatória entre o trabalho forçado, os lazeres programados e a habitação como lugar de consumo. (LEFEBVRE, 2002, p.31)

A aceleração na produção alcançada por mudanças organizacionais desde o fordismo envolve acelerações paralelas na troca e no consumo, que associados com racionalizações nas técnicas de distribuição possibilitaram a circulação de produtos no mercado a uma velocidade maior (HARVEY, 1992, p.257). Por ela e para ela, instaura-se um novo modo de se alimentar, em qualquer lugar e no menor tempo possível, surgindo o conceito de *fast food*. A sua contribuição para a obesidade não se dá somente por meio das próprias redes de restaurantes assim denominados, que oferecem alimentos de alta densidade energética porém de baixo valor

nutricional (NESTLE, 2012, p.129), mas também pela concepção dessa ideia, de se obterem alimentos rápidos e sempre disponíveis a qualquer hora, numa sociedade onde o tempo é escasso e precioso.

Classificando os empregos do tempo em *tempo obrigatório* (do trabalho profissional), *tempo livre* (o dos lazeres) e *tempo imposto* (das exigências diversas fora do trabalho), Lefebvre denota que esse último ganha maior importância, se inscreve na cotidianidade e tende a definir o cotidiano pela soma das imposições (1991, p.61).

Se as jornadas de trabalho ocupam a maior parte do dia, atribuindo valor a todos os tempos, é compreensível que haja uma exigência pela rapidez ao se alimentar. Desse modo, é interessante ao capitalismo possibilitar o maior acesso possível aos produtos alimentícios a qualquer hora, fixando-os tanto no tempo livre como no tempo imposto, misturando a necessidade de comer com o suprimento de um desejo pelo consumo de um signo, “[...] porque o capitalismo agora tem preocupação predominante com a produção de signos, imagens e sistemas de signos, e não com as próprias mercadorias” (BAUDRILLARD, 1981, apud HARVEY, 1992, p.259).

Assim, a prática alimentar no dia a dia se torna inconsciente e banal por meio do consumo do valor de troca: “[...] o sentido da vida é a vida desprovida de sentido; realizar-se é ter uma vida sem história, a cotidianidade perfeita. Mas é também não vê-la e fugir dela assim que for possível” (LEFEBVRE, 1991, p.133). O autor descreve que o repouso se opõe ao trabalho, e a cotidianidade às férias, cada termo fornecendo um alibi aos outros (ibidem, p.133). O escape dessa realidade tediosa se torna uma ida a um restaurante diferente aos finais de semana ou para comemorar uma ocasião especial; entretanto, tais atos também são marcados pelo consumo de uma imagem, e não do valor de uso:

A aquisição de uma imagem (por meio da compra de um sistema de signos como roupas de *griffe* e o carro da moda) se torna um elemento singularmente importante na auto-apresentação nos mercados de trabalho e, por extensão, passa a ser parte integrante da busca de identidade individual, auto-realização e significado na vida (HARVEY, 1992, p.260).

Em sua discussão sobre a condição pós-moderna, o autor afirma que

a aniquilação do espaço por meio do tempo modificou de modo radical o conjunto de mercadorias que entra na reprodução diária. Inúmeros sistemas locais de alimentação foram reorganizados por intermédio de sua incorporação à troca global de mercadorias (ibidem, p.270).

Essa compressão do espaço-tempo exerce uma pressão que resulta na mercantificação de imagens, que podem ser vendidas em massa instantaneamente no espaço, como mais uma alternativa para liquidar os produtos da superacumulação (HARVEY, 1992, p.259). Por meio delas, a indústria organiza as manias e modas, se tornando um meio social de produção do sentido (ibidem, p.262). Isso converte o mercado de alimentos em um empório de estilos culinários, reunindo-os no mesmo espaço e no mesmo tempo e entrelaçando-os à vida diária, ocultando a origem, os processos de trabalho e as relações sociais implicadas em sua produção (ibidem, p.271).

A Cozinha formalizada desaparece: os amadores pouco esclarecidos chegam a saborear o cerimonial, a apresentação e o cenário mais que os pratos; em busca do lucro, os donos de hotéis substituem a qualidade pela forma; então, os amadores esclarecidos se refugiam num “boteco escondido”, num simples e modesto restaurante onde funciona um *chef* ansioso para firmar sua reputação (LEFEBVRE, 1991, p.113).

Essa integração transforma uma cultura tradicional, como a culinária, em um artigo de consumo:

[...] essa atividade consumidora (um pouco menos passiva do que as outras maneiras de receber as coisas já completamente feitas) assume ares de festa, o que lhe confere uma espécie de unidade fictícia e, no entanto, socialmente real, embora situada no imaginário. As obras, os estilos são entregues ao consumo devorador. [...] Cada objeto e cada obra ganham assim sua dupla vida: sensível e imaginária. Todo objeto de consumo torna-se signo de consumo. O consumidor se alimenta de signos, como os da técnica, da riqueza, da felicidade, do amor. Os signos e as significações suplantam o sensível (ibidem, 1991, p.118).

Assim, o consumo cultural deixa de ser o das obras e dos estilos, do valor de uso, tornando-se o consumo de signos e do valor de troca (ibidem, p.144).

O ambiente do “coma mais” descrito por Nestle se constitui pela propaganda, conveniência, porções maiores, comidas criadas para terem grande apelo ao paladar, como as ricas em gorduras, açúcares e sal e campanhas ou manipulações conduzidas por grandes empresas para convencer que seus produtos são saudáveis ou inofensivos quando consumidos em moderação, e para assegurar que os guias alimentares ajudarão à promover suas vendas (2007, p.26). Indo mais além, pode-se acrescentar que o próprio espaço-tempo é submisso ao sistema capitalista, gerando um complexo que promove mais ainda o consumo exagerado de produtos alimentícios no cotidiano, como sumariza Lefebvre:

O consumo cotidiano assume assim, diante de nós e para nós, a sua dupla figura, sua ambiguidade constitutiva. Considerado globalmente, cotidianidade e não-cotidianidade, o consumo é material (prático-sensível: pegamos, usamos, devoramos uma coisa) e ideal (ou ideológico: consumimos representação, imagem, significantes, linguagem e

metalinguagem). Ele é total (tendendo a um sistema do consumo, sob a organização racionalizada do cotidiano) e parcial (ficando o sistema sempre inacabado, sempre desmentido, sempre ameaçado, não se fechando jamais, abrindo para o vazio). Ele é satisfação (de uma necessidade, esta ou aquela, necessidade disto ou daquilo, portanto saturação a um prazo mais ou menos longo) e frustração (consumimos o vento e o desejo renasce). Ele é personalizante (escolha dos objetos, disposição, classificação, liberdade combinatória) e deformador do real (com o consumidor se perdendo no meio das coisas, escorregando na ladeira da acumulação dos objetos, sem desejo e até sem necessidade). A chamada sociedade de consumo é ao mesmo tempo de abundância e de privação [...] (1991, p.153).

A lógica do capitalismo não deixa escapar nenhuma possibilidade de lucro. Os alimentos se tornam uma mercadoria superabundante que precisa ser vendida a todo modo, ultrapassando seu valor de uso. Ela transforma-os em produtos voltados a satisfazer uma necessidade criada, consumidos pelo seu valor de troca, um signo, uma imagem, habituada e despercebida na vida cotidiana. Porém, a ingestão excessiva de comida acarreta em problemas para a saúde: a obesidade e o sobrepeso, hoje uma epidemia, pois todas as pessoas estão sujeitadas ao mesmo sistema. Seu resultado final é o ser humano acima do peso, o retrato do homem moderno que vive na sociedade burocrática do consumo dirigido.

2. A CIDADE DE OKLAHOMA E A LUTA CONTRA A OBESIDADE: UM CASO DE URBANIZAÇÃO

Os Estados Unidos são o país com as maiores taxas de obesidade e de sobrepeso do mundo. Por serem a maior economia do planeta, e pioneiros no desenvolvimento industrial avançado, foram uma grande influência à urbanização e no modo de viver no capitalismo global.

Dentre os municípios mais obesos desse país, estava *Oklahoma City*, uma cidade industrial, que se desenvolveu sob uma organização do espaço de acordo com a lógica de mercado, sobretudo do automóvel. O prefeito eleito em 2004 decidiu tomar providências quanto à essa situação, iniciando uma campanha chamada “guerra contra a obesidade”, e, por meio de acordos com restaurantes, conscientização e, de maior destaque, uma reforma na cidade, tentar reverter o quadro e fornecer à população uma melhor qualidade de vida.

2.1 *Oklahoma City*, um ambiente de consumo alimentar e uma das cidades mais obesas dos Estados Unidos

A cidade de Oklahoma (*Oklahoma City*) se localiza no centro do estado de mesmo nome, e foi fundada em 22 de abril de 1889, onde cerca de 6 mil colonizadores estabeleceram moradia e os seus negócios. No início do século XX, o ponto de abastecimento dos trens se torna um importante centro comercial e de transporte, e ao seu redor são organizadas várias linhas ferroviárias. O crescimento da população faz com que se desenvolvam áreas residenciais, que resultam na primeira expansão urbana (WILSON, 2009).

Inicialmente, a economia local era baseada na agricultura, cujo foco era a plantação de trigo e algodão e a criação de gado. O desenvolvimento da cidade acelera com a implementação de uma fábrica de carros *Ford* em 1916 e a descoberta de petróleo em 1928, aumentando o número de automóveis. O período pós-guerra é marcado pelo crescimento das indústrias automotivas, de aviação, biotecnologia e transportes, que auxiliam na recuperação da cidade após a Grande Depressão, e o município se torna um grande centro no sistema nacional de estradas interestaduais (WILSON, 2009).

As décadas de 70 e 80, períodos de recessão em meio à uma crise energética (BIRRELL, 2015), são marcadas por uma explosão dos subúrbios e estagnação dos projetos da área central da cidade. Para contornar essa situação, nos anos 90 é implementado um importante projeto pelo governo denominado *MAPS*, ou *Metropolitan Area Projects Plan* (Plano de Projetos na Área Metropolitana), que consiste em um aumento temporário de 1 centavo de dólar sobre os impostos de vendas locais, por cinco anos, supervisionado por um comitê de cidadãos voluntários, para ser investido em infraestrutura, como parques, represas, canais, teatros, bibliotecas, etc. (WARNER e LONG, 2009, p.1).

Com uma população de cerca de 1,2 milhões de habitantes, 65% se encontravam acima do peso em 2008, com uma taxa de 28,5% de obesos (ACSM, 2008), resultado de um estilo de vida sedentário da população, fabricado segundo as coações da produção industrial e do consumo. A realidade urbana da cidade pode ser descrita conforme Lefebvre, sendo que ela

se vê reduzida, de um lado, pelo rural (os subúrbios compostos por casas ajardinadas, os espaços ditos verdes) e, de outro, pelo cotidiano industrial (as moradias funcionais, as vizinhanças, as relações, os trajetos monótonos e obrigatórios), cotidianidade submetida às exigências das empresas e tratada conforme a racionalidade empresarial. Trata-se de uma redução, ao mesmo tempo social e mental, de um lado, à trivialidade e, de outro, à especialidade. Em poucas palavras: o urbano reduz-se ao industrial. (2002, p.38).

Com a maior densidade de redes de *fast food* por quilômetros quadrados dos Estados Unidos (BIRRELL, 2015), a cidade possui o que Nestle define como um “ambiente tóxico para a realização de atividades físicas”, devido ao declínio do uso dos meios de transporte ativos, como caminhar ou andar de bicicleta, e à redução da prática de educação física nas escolas, além da falta quase universal de calçadas, ciclovias e lugares de lazer (2012, p.127).

Com uma área metropolitana de cerca de 1600 quilômetros quadrados, 600 mil residentes utilizam carros como o principal meio de transporte, possuindo inúmeras rodovias. Como muitas cidades dos Estados Unidos, foi desenvolvida em torno do automóvel (BIRRELL, 2015). Segundo Lefebvre, esse é o “objeto-rei”, a “coisa-piloto” da cotidianidade. Ele

[...] por excelência rege múltiplos comportamentos em muitos domínios, da economia ao discurso. O Trânsito entra no meio das funções sociais e se classifica em primeiro lugar, o que resulta na prioridade dos estacionamentos, das vias de acesso, do sistema viário adequado. Diante desse “sistema”, a cidade se defende mal. No lugar em que ela existiu, em que ela sobrevive, as pessoas (os tecnocratas) estão prestes a demoli-la. Alguns especialistas chegam a designar por um termo geral que tem

ressonâncias racionais – o urbanismo – as consequências do trânsito generalizado, levado ao absoluto. Concebe-se o espaço de acordo com as pressões do automóvel. O Circular substitui o Habitar, e isso na pretensa racionalidade técnica. É verdade que, para muitas pessoas, o carro é um pedaço de sua “moradia”, até mesmo o fragmento essencial (1991, p.110).

O município foi inteiro moldado em torno dos carros, com inúmeras e enormes pistas, pouquíssimas calçadas e nenhuma ciclovia (BIRRELL, 2015). O formato das redes de *fast food* ainda favorecem o uso desse meio de transporte, oferecendo grandes estacionamentos e o serviço de *drive through*, onde as pessoas podem fazer seu pedido sem sair do carro, e comer dentro dele mesmo. Esse ambiente centrado no automóvel é uma compressão do espaço-tempo, e torna o urbano

[...] aquilo que ele sempre foi: lugar do desejo, desequilíbrio permanente, sede da dissolução das normalidades e coações, momento do lúdico e do imprevisível. Este momento vai até a implosão-explosão das violências latentes sob as terríveis coações de uma racionalidade que se identifica com o absurdo. Desta situação nasce a contradição crítica: tendência para a destruição da cidade, tendência para a intensificação do urbano e da problemática urbana (LEFEBVRE, 2001, p.85).

A cidade inicia a luta contra a obesidade quando o prefeito Mick Cornett assume o governo em 2004, e 3 anos após tomar posse, ele mesmo obeso, vê sua cidade na lista das detentoras dos piores hábitos alimentares dos Estados Unidos, e uma das populações mais obesas do país. O que difere a sua abordagem ao problema é a maneira como ele recorre e investe na urbanização da cidade para combater as causas do excesso do consumo alimentar (BIRRELL, 2015), concordando com a proposta de Lefebvre de que “o urbano só pode ser confiado a uma estratégia que ponha em primeiro plano a problemática do urbano, a intensificação da vida urbana, a realização efetiva da sociedade urbana” (2001, p.88).

Desse modo, as ações adotadas pelo prefeito são em parte constitutivas do que pode vir a ser a realização de uma sociedade urbana, a saída possível para o problema do modo de comer que é resultado da sociedade burocrática do consumo dirigido.

2.2 A “Guerra contra a Obesidade” de *Oklahoma City*: alguns passos rumo ao resgate do Direito à Cidade

As altas taxas da obesidade e do sobrepeso, como discutida, podem ser vista como uma crise da cidade, que “[...] faz-se acompanhar, quase em toda parte, por

uma crise das instituições urbanas (municipais) devido à dupla pressão do Estado e da empresa industrial” (LEFEBVRE, 2001, p.84). Desse modo, é preciso um reconhecimento do papel que a união das forças políticas e sociais têm na reconquista desse espaço:

a realização da sociedade urbana exige uma planificação orientada para as necessidades sociais, as necessidades da sociedade urbana. Ela necessita de uma ciência da cidade (das relações e correlações na vida urbana). Necessárias, estas condições não bastam. Uma força social e política capaz de operar esses meios (que não são mais do que meios) é igualmente indispensável (ibidem, 2001, p.138).

O crescimento na direção do desenvolvimento da sociedade urbana requer “[...] prospectar as novas necessidades, sabendo que tais necessidades são descobertas no decorrer de sua emergência e que elas se revelam no decorrer da prospecção” (ibidem, p.124). Assim, o prefeito Mick Cornett, após tomar conhecimento do grande problema da obesidade em sua cidade, realiza como primeira medida, em 2008, um desafio à população: perder coletivamente 1 milhão de libras². A meta foi atingida em 2012, através da inscrição em um *site* na *internet*, onde cerca de 47000 habitantes se registraram, resultando, em média, em uma redução de 9 quilos por pessoa (BIRRELL, 2015).

Outra ação adotada foi a de trabalhar em conjunto com a indústria de alimentos e bebidas, fazendo com que elas patrocinassem programas de luta contra a obesidade e com que os restaurantes desenvolvessem cardápios mais saudáveis. As campanhas conduzidas fizeram com que a população tomasse conhecimento da crise e passasse a discutir o problema da alimentação e nutrição em escolas (BIRRELL, 2015).

Essas providências podem ser enxergadas, conforme Lefebvre, como variáveis táticas. Elas são ações menores, à exemplo de aumentos de salários, melhor divisão da renda, nacionalização, etc. (2001, p.125). No entanto, são subordinadas das variáveis estratégicas, que são atribuídas ao desenvolvimento, às necessidades sociais, à cultura e a realidade urbana:

A criação de novos organismos referentes à vida das crianças e dos adolescentes (creches, campos de jogos e de esportes etc.), a constituição de um aparelho de pedagogia social bem simples, que daria informações tanto sobre a própria vida social, como sobre a vida sexual e a arte de viver e a arte *tout court*, uma tal instituição teria um alcance muito maior; ela marcaria a passagem do tático para o estratégico nesse setor (ibidem, p.126).

² Uma libra é uma unidade de medida de peso que equivale a aproximadamente 0,454 quilos.

Contente, porém não satisfeito com o resultado, o prefeito Cornett começou a ponderar sobre as causas dessa crise, e estudando a cultura e a infraestrutura da cidade percebeu como o uso extensivo e a dependência dos automóveis havia alienado e privado os seres humanos de apreciarem e desfrutarem do seu próprio ambiente urbano (BIRRELL, 2015). Baseado nisso, ele entrou com um planejamento de reformas no município que remodelasse-o em torno das pessoas, e não dos carros; ou, como colocado por ele, “dar a comunidade de volta à comunidade” (apud BIRRELL, 2015).

Na proposição de Lefebvre, um programa de reforma pode partir do governo, sendo

não definida pelos contextos e possibilidades da sociedade atual, não sujeita a um “realismo”, ainda que baseado no estudo das realidades (por outras palavras: a reforma assim concebida não se limita ao reformismo). Esse programa terá, portanto, um caráter singular e mesmo paradoxal. Será estabelecido a fim de ser proposto às forças políticas, isto é, aos partidos. Pode-se mesmo acrescentar que ele será submetido preferencialmente aos partidos “de esquerda”, formações políticas que representam ou que querem representar a classe operária. Mas esse programa não será estabelecido em função dessas forças e formações. Em relação a elas, terá um caráter específico, o que provém do conhecimento. Terá, portanto, uma parte científica. Será proposto (livre para ser modificado por e para aqueles que se encarregarão dele). Que as forças políticas assumam suas responsabilidades (2001, p.114).

Eleita como o pior lugar para se caminhar do país, a cidade tem muito mais pistas do que o necessário. Por meio do planejamento urbano, iniciam-se obras que começam a desmontar esse sistema de vias, além da construção de milhares de quilômetros de calçadas, ciclovias e bondes elétricos (BIRRELL, 2015), para incentivar as pessoas a deixarem seus automóveis em casa e caminhar mais:

é possível considerar aqui uma variável estratégica: limitar a importância da indústria automobilística na economia de um país e o lugar do objeto “carro” na vida cotidiana, na circulação, nos meios de transporte. Substituindo o carro por outras técnicas, outros objetos, outros meios de transporte (públicos, por exemplo). Esse é um exemplo um pouco simples e trivial, mas bem demonstrativo da subordinação do “real” a uma estratégia (LEFEBVRE, 2001, p.128).

Essa reestruturação urbana faz parte do projeto *MAPS3* proposto por Cornett à comunidade. Os residentes do município votaram para a implementação dele, por meio do aumento de 1 centavo de dólar sobre os impostos de vendas locais, o que levanta cerca de 100 milhões de dólares por ano (BIRRELL, 2015). É importante a participação da população e a interação dos trabalhadores e comerciantes por meio dos comitês de supervisão com o governo para a melhoria da cidade, pois “[...] só a

classe operária pode se tornar o agente, o portador ou o suporte social dessa realização” (LEFEBVRE, 2001, p.118).

A outra parte das verbas necessárias vêm do setor privado, além de arrecadações feitas a partir de acordos com empresas de tabaco e o aumento da renda de contribuições prediais, consequência do retorno das companhias e pessoas à cidade devido à melhoria das condições de vida e economia do município. *Oklahoma City* tem atualmente uma das menores taxas de desemprego do país (BIRRELL, 2015).

A remodelação da cidade também levou à construção de mais parques, arenas, centros esportivos, trilhas e canais, complementando os projetos das gestões anteriores que também focaram na renovação de áreas de lazer, hotéis, estádios e teatros (BIRRELL, 2015). “O esporte é lúdico, o teatro também, de modo mais ativo e mais participante que o cinema. As brincadeiras das crianças não devem ser desprezadas, nem as dos adolescentes” (LEFEBVRE, 2001, p.131).

O incentivo ao lazer, por meio da centralidade lúdica tem suas implicações: “[...] restituir o sentido da obra trazido pela arte e pela filosofia – dar ao tempo prioridade sobre o espaço, não sem considerar que o tempo vem se inscrever e se escrever num espaço – pôr a apropriação acima do domínio” (ibidem, p.132).

Com mais disponibilidade, os espaços da cidade podem se tornar novamente o palco das relações sociais, opondo-se à cotidianidade:

assim concebidos, os espaços sociais se ligam a tempos e ritmos sociais que passam para o primeiro plano. Compreende-se melhor como e até onde, na realidade urbana, os acontecimentos se dividem numa duração enquanto balizam percursos. Esta verdade do tempo urbano retoma seu papel, lucidamente. O habitar reencontra seu lugar acima do habitat. A qualidade promovida se representa e se apresenta como lúcida. Jogando com as palavras, seria possível dizer que haverá um jogo entre as peças do conjunto social – plasticidade – na medida em que o jogo seja proclamado como valor supremo, eminentemente grave senão mesmo sério, superando – ao reuni-los – o uso e a troca (ibidem, p.132-133).

A alteração no estilo de vida para sua melhoria ainda requer que outras frentes sejam abordadas, visando uma mudança cultural. Os fundos angariados foram destinados às comunidades mais pobres, indicadas pela coleta de informações como as áreas que mais sofriam de doenças crônicas, com quase cinco vezes mais mortes por derrames e infartos do que as regiões mais ricas (BIRRELL, 2015).

As ações mobilizaram a criação de equipes de especialistas voltadas ao bem-estar das pessoas, com instalações nas áreas com a maior recorrência de

obesidade e sobrepeso; a primeira delas está localizada no nordeste da cidade, em uma enorme comunidade afro-americana. Esse prédio, rodeado de trilhas para caminhar e andar de bicicleta, possui clínicas médicas, salas de reuniões e cozinhas para demonstrações culinárias, onde são oferecidas palestras sobre alimentação e aulas de culinária (BIRRELL, 2015). O resgate ao ato de cozinhar é uma parte importante à restituição das relações sociais:

a refeição compartilhada não é algo insignificante. Trata-se de um dos fundamentos da vida em família, o lugar onde as crianças aprendem a arte da conversação e adquirem os hábitos que caracterizam a civilização: repartir, ouvir, ceder a vez, administrar diferenças, discutir sem ofender. O que tem sido chamado de “as contradições culturais do capitalismo” – sua tendência a minar as formas de estabilização social das quais ele depende – está hoje à mostra de forma gritante na mesa de jantar moderna, junto dos pacotes multicoloridos que a indústria de alimentos conseguiu plantar ali (POLLAN, 2014, p.16).

Como resultado, a curto prazo, algumas variáveis obtiveram uma melhora, como uma redução, com números que variaram entre 2% e 10%, nas taxas de diabetes e pressão alta nas populações mais pobres, em um período de 5 anos. A obesidade e o sobrepeso infelizmente continuam aumentando, mas houve uma desaceleração no crescimento, que era de 6% ao ano, passando a 1% ao ano. “Tudo o que eu posso dizer é que a minha impressão é de que nós estamos caminhando na direção certa” (CORNETT, apud BIRRELL, 2015, tradução nossa).

Embora não tenha solucionado a adversidade, a “guerra contra a obesidade” apresentou algumas medidas voltadas às necessidades da sociedade urbana, uma tentativa parcial de superar a produção industrial e sua organização, por meio de uma mudança de prática social.

O valor de uso, subordinado ao valor de troca durante séculos, pode retomar o primeiro plano. Como? Pela e na sociedade urbana, partindo dessa realidade que ainda resiste e que conserva para nós a imagem do valor de uso: a cidade. Que a realidade urbana esteja destinada aos “usuários” e não aos especuladores, aos promotores capitalistas, aos planos dos técnicos, é uma versão justa porém enfraquecida desta verdade (LEFEBVRE, 2001, p.127).

A reurbanização do município visou combater a obesidade por meio da melhoria das condições de vida da população, habitantes de um espaço concebido pela lógica da mercadoria, que perderam o seu direito à cidade, que “[...] só pode ser formulado como direito à vida urbana, transformada, renovada” (LEFEBVRE, 2001, p.118).

2.3 A superação da obesidade pela superação da própria cotidianidade, a Revolução Urbana

Se a obesidade é o reflexo da alimentação da vida cotidiana, o problema só poderá ser combatido pela própria superação do cotidiano, por meio da vida urbana possível. Para isso, segundo Lefebvre, seria necessária uma “Revolução Total”, no nível econômico, político e cultural (1991, p.208). As medidas tomadas pelo prefeito Mick Cornett são algumas ilustrações do que é possível fazer em alguns dos campos citados; porém ainda requer uma reestruturação mais completa do sistema.

O sujeito que vive no cotidiano não enxerga o que acontece com o seu espaço; o que ele verifica, vê, percebe e vive é muito normal (LEFEBVRE, 1991, p.198), caindo num conformismo. O diálogo com a comunidade de *Oklahoma City* traz uma conscientização dos problemas do espaço, e a contribuição e participação da população é essencial para a reforma dele:

Não pode deixar de se apoiar na presença e na ação da classe operária, a única capaz de pôr fim a uma segregação dirigida essencialmente contra ela. Apenas esta classe, enquanto classe, pode contribuir decisivamente para a reconstrução da centralidade destruída pela estratégia de segregação e reencontrada na forma ameaçadora dos “centros de decisão”. Isto não quer dizer que a classe operária fará sozinha a sociedade urbana, mas que sem ela nada é possível. A integração sem ela não tem sentido, e a desintegração continuará, sob a máscara e a nostalgia da integração. Existe aí não apenas uma opção, mas também um horizonte que se abre ou que se fecha. Quando a classe operária se cala, quando ela não age e quando não pode realizar aquilo que a teoria define como sendo sua “missão histórica”, é então que faltam o “sujeito e o “objeto” (LEFEBVRE, 2001, p.113).

A união das forças sociais e políticas podem levar soluções para os problemas urbanos, transformando a cidade renovada em obra. A estratégia de renovação urbana se torna “necessariamente” revolucionária por ser contra as coisas estabelecidas (ibidem, p.113), o cotidiano organizado pelo mercado. Esse é um ponto difícil a ser combatido.

O oferecimento de refeições menos energéticas pelas redes de *fast food* pode ser vista como uma produção “[...] em função das necessidades sociais (e não das necessidades individuais programadas), as quais se detectam como demandas da sociedade urbana em gestação” (LEFEBVRE, 1991, p.208). Requereria, no entanto, um alcance global do combate ao modo de produção dirigido para se obterem mudanças significativas.

O autor resgata o pensamento de Marx, onde o “enfraquecimento do Estado continua sendo o fim e o sentido” (ibidem, p.209). Para isso, defende a ideia da necessidade de uma autogestão generalizada e o fim do político como tal, pois o Estado atual

[...] consagra-se a dominar o fenômeno urbano, não para leva-lo à sua realização, mas para fazê-lo retroceder: para as instituições que, através da troca e do mercado, estendem à sociedade inteira os tipos de organização e de gestão advindos da empresa, das instituições elaboradas durante o crescimento, com primazia dos objetivos quantitativos (quantificáveis) (LEFEBVRE, 2002, p.163).

A participação mais ativa da comunidade de *Oklahoma City* nas decisões sobre o planejamento da cidade, por meio dos impostos voluntários e comitês de discussão é uma aproximação da população ao governo democrático, porém não é suficiente, pois a transformação da sociedade tem por campo e alavanca a produção industrial:

só se a classe operária e seus mandatários políticos se encarregarem da planificação é que será possível modificar profundamente a vida social e abrir uma segunda era: a era do socialismo nos países neo-capitalistas. Até então, as transformações ficarão na superfície ao nível dos signos e do consumo dos signos, da linguagem e da metalinguagem (discurso em segundo grau, discurso sobre os discursos anteriores). Portanto, não é sem reservas que se pode falar de revolução urbana. Todavia, a orientação da produção industrial sobre as necessidades sociais não é um fato secundário. A finalidade que é assim trazida para os planos os transforma. A reforma urbana tem portanto um alcance revolucionário. [...] Ela dá lugar a uma estratégia que se opõe à estratégia da classe dominante (LEFEBVRE, 2001, p.139-140).

A população da cidade de Oklahoma viu o início da restituição do que era deles por direito, o que define a civilização na sociedade pela cultura quando fazem parte da prática social: direito ao trabalho, à instrução, à educação, à saúde, à habitação, aos lazeres, à vida (LEFEBVRE, 1991, p.138-139). Entre outras palavras, o direito à cidade, à vida urbana, aos ritmos de vida e empregos do tempo que permitem o uso pleno e inteiro desses momentos locais. As mudanças no cotidiano delas ainda não obtiveram o impacto necessário para a realização da vida urbana sob o reino do uso, que por isso se inscrevem nas perspectivas de uma revolução (ibidem).

A revolução cultural tem como fim e sentido a criação de uma cultura que não seja instituição, mas estilo de vida, um objetivo prático. “Ela orienta a cultura em direção a uma prática: a cotidianidade transformada. A revolução muda a vida, não apenas o Estado ou as relações de propriedade” (LEFEBVRE, 1991, p.214).

Assim, a mudança no estilo de vida da comunidade da cidade de Oklahoma pela necessidade de combater a obesidade e o sobrepeso é uma reforma urbana em pequena escala, uma visão da urbanização possível. Se adquirir o caráter revolucionário proposto por Lefebvre, ela tem a capacidade de abalar

[...] as estruturas da propriedade, do direito e da ideologia neocapitalistas. Sustar, no caminho da degradação, a vida urbana ainda existente, inventar formas novas, permitir que essas formas se desdobrem, abram seu caminho aos germes da sociedade urbana são objetivos que ultrapassam as possibilidades do neocapitalismo e da sociedade de consumo dirigido. A mais culta burguesia não tem muitas condições de conceber o lúdico como obra, a cidade lúdica, e menos ainda de realizar-lhe as condições espaço-temporais (ibidem, p.216).

Enquanto não obtiver a força suficiente para se tornar uma Revolução e transformar a vida cotidiana, a realização da sociedade urbana ainda é vista como uma utopia:

a concepção do urbano visa, também, a re-apropriação, pelo ser humano, de suas condições no tempo, no espaço, nos objetos. Condições que lhe eram, e lhe são, arrancadas, para que só as reencontre mediante a compra e a venda. Poder-se-ia dizer que o tempo, lugar dos valores, e o espaço, meio de troca, podem se reencontrar numa unidade superior, o urbano? Sim, sob a condição de se especificar bem o que cada um já sabe: que se trata de uma u-topia, de um não-lugar, de um possível-impossível. Mas que confere seu sentido ao possível, à ação. O espaço das trocas e o tempo dos valores, o espaço dos bens e o bem supremo, a saber, o tempo, não se articulam, e vão cada um numa direção, incoerência entre outros absurdos da sociedade dita industrial. Criar a unidade espaço-temporal é, com efeito, uma definição possível, entre outras, do urbano e da sociedade urbana (LEFEBVRE, 2002, p.163).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para a compreensão do problema da epidemia de obesidade e de sobrepeso como o resultado do modo de viver e de se alimentar no mundo atual, a pesquisa relacionou-os com o consumo em excesso de produtos alimentícios na vida cotidiana, na denominada sociedade burocrática do consumo dirigido.

Foi-se necessário analisar a alimentação humana e suas implicações na economia, no desenvolvimento da sociedade e na produção do espaço e das cidades no decorrer da história da humanidade para entender o que favoreceu o crescimento das taxas de obesidade e sobrepeso, pois essas condições não existiam como epidemia até o final do século XX.

O grande problema na antiguidade era o oposto, a fome, devido à escassez e a dificuldade de encontrar comida. Assim, o modo de comer no decorrer dos séculos foi marcado pela subsistência, desenvolvendo uma cultura em torno do ato de se alimentar. Além disso, as cidades e a sociedade foram desenvolvidas ao redor da produção agrícola.

A agricultura foi o primeiro grande marco na história humana, que por meio do aumento na disponibilidade de alimentos, permitiu que se desenvolvessem novos tipos e relações de trabalho, dentre eles o artesanato, o comércio e a política. Ocorre também, devido à esses fatores, um crescimento da população e uma expansão da humanidade ao redor de todo o planeta.

A partir do crescimento do comércio e do mercantilismo, a sociedade começa a se desenvolver industrialmente. Esse fato acarreta em mais um grande aumento na produção de alimentos, permitindo mais uma expansão populacional que, por sua vez, exige uma demanda por mais comida. Com isso, as cidades passam a se urbanizar em função da indústria; conseqüentemente, o espaço é organizado pela lógica de mercado.

Na etapa posterior do desenvolvimento industrial, há um crescimento em todos os campos, o de produção, tecnologia, ciência, serviços e comércio, que também adquire um novo caráter, o especulativo. A agricultura passa ao segundo plano e a economia se torna essencialmente industrial, regulamentada pelo Estado. A superacumulação ocorre em função desse desenvolvimento, criando uma enorme produção de bens e serviços que, por isso, necessitam ser liquidados.

Segundo a lógica do capital, para se vender a mercadoria, é necessário uma demanda. Em uma produção excessiva, a saída é criá-la; para isso, dirige-se os produtos diretamente ao consumidor, criando uma necessidade de adquiri-los. Esse é o caráter da atual sociedade burocrática do consumo dirigido proposta por Lefebvre, e é na vida cotidiana o lugar em que ela se realiza.

Tem-se o momento em que ocorre o surto da obesidade e do sobrepeso: a comida se torna uma mercadoria que passa a ser consumida pelo seu valor de troca, e não de uso. Com uma superprodução de alimentos, a indústria passar a fabricar vários produtos alimentícios e cria a necessidade de consumi-los.

Foi visto no decorrer da pesquisa as maneiras pelas quais a indústria organiza o cotidiano. Por meio de políticas estatais de incentivo à plantação, que aumenta a produção de alimentos e com isso o desenvolvimento de um ambiente que seja tenha a capacidade de consumir a enorme variedade de mercadorias. Com isso, emprega-se a publicidade, como uma ideologia que age sobre a satisfação das necessidades impostas, e o conhecimento científico cria novos produtos e também legitima o consumo por um excesso de informações que causam confusão. Tal pressão do ambiente organiza o tempo e o espaço, e estrutura a própria cidade em complexos que incentivam ao superconsumo, no caso, de refeições e lanches rápidos, pela demanda por conveniência em função da valorização do tempo.

Em meio ao ambiente do coma mais, para combater a obesidade e o sobrepeso, torna-se necessária uma mudança no sistema capitalista, que refletiria na própria sociedade e no seu *modus vivendi*. Conseqüentemente, o espaço precisa ser reestruturado em função das relações sociais e das necessidades reais das pessoas para que isso possa se realizar.

O município de Oklahoma demonstrou o valor de se pensar no espaço de acordo com as necessidades da população, e os benefícios que a reforma e a reorganização de uma cidade podem trazer na luta contra a obesidade e o sobrepeso, melhorando a qualidade de vida.

Entretanto, se esta epidemia global é o fruto do modo de se alimentar da atual sociedade burocrática do consumo dirigido, vencer essa batalha requer uma superação do próprio sistema capitalista que a funda, para a realização da sociedade urbana possível proposta por Lefebvre.

A lógica de mercado ainda rege o mundo. Transformar a cotidianidade exige ir contra o interesse da indústria (nesse caso, de alimentos e a farmacêutica, que

visam somente o lucro) e da burguesia que comanda o Estado, pois come-se pelo seu valor de troca. A saída é uma cidade renovada, restituída do valor de uso, da cultura, do lúdico e do tempo, que traga impactos significativos com a valorização da alimentação, da culinária e, com isso, das relações sociais. Estas grandes adversidades conferem então um carácter revolucionário à mudança para a reacquirição do direito à cidade, e por isso ainda pode-se dizer que é uma utopia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Edeli Simioni de; VIANA, Isabel Cristina; MORENO, Rosymaura Baena Moreno; TORRES; Elizabeth Aparecida Ferraz da Silva. *Alimentação Mundial – Uma Reflexão Sobre a História*. Artigo na revista Saúde e Sociedade, Vol.10 no.2. São Paulo, 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12902001000200002> Acesso em 23 de Abril de 2017.

ACSM, American College of Sports Medicine. *American Fitness Index*. 2008. Disponível em: <<http://www.americanfitnessindex.org>> Acesso em 16 de junho de 2017.

BAUDRILLARD, Jean. *A sociedade de consumo*. Lisboa: Edições 70, 1991.

BIRRELL, Ian. *The fat city that declared war on obesity*. Mosaic Science, 2015. Disponível em: <<https://mosaicscience.com/story/fat-city>> Acesso em 16 de junho de 2017.

CANCLINI, Néstor García. *Consumidores y Ciudadanos: conflictos multiculturales de la globalización*. México: Grijalbo, 1995.

CASTRO, Josué de. *Geografia da fome*. 10 ed. Rio de Janeiro: Edição Antares, 1984.

CRISPIM, Maria Angélica Correia. *Determinações da obesidade na pobreza: regência da acumulação do capital*. Maceió: Dissertação (Mestrado em Serviço Social) - Universidade Federal de Alagoas, 2010. Disponível em: <<http://www.ufal.edu.br/unidadeacademica/fssso/pos-graduacao/servico-social/dissertacoes-e-teses/dissertacoes-2/2010/determinantes-na-obesidade-na-pobreza-regencia-da-acumulacao-do-capital>> Acesso em: 25 de maio de 2017.

FILHO, Umberto Antonio Sesso. *O setor supermercadista no brasil nos anos 1990*. Tese (Doutorado em Ciências, Área de Concentração: Economia Aplicada) – Universidade de São Paulo, 2003. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/11/111132/tde-11072003-140924/publico/umberto.pdf>> Acesso em: 10 de junho de 2017.

FRANÇA, F.C.O.; MENDES, A.C.R.; ANDRADE, I.S.; RIBEIRO, G.S.; PINHEIRO, I.B. *Mudanças dos hábitos alimentares provocados pela industrialização e o impacto sobre a saúde do brasileiro*. Anais do I Seminário Alimentação e Cultura na Bahia, 2012. Disponível em: <www2.uefs.br:8081/cer/wp-content/uploads/

FRANCA_Fabiana.pdf> Acesso em 24 de Abril de 2017.

HARVEY, David. *Condição Pós Moderna*. 17 ed. São Paulo: Edições Loyola, 1992.

_____. *Space as a keyword*. Tradução livre: Letícia Gianella. Revisão técnica: Rogério Haesbaert e Juliana Nunes. Malden e Oxford: Blackwell, 2006. Disponível em: <<http://www2.fct.unesp.br/docentes/geo/bernardo/BIBLIOGRAFIA%20DISCIPLINAS%20GRADUACAO/PENSAMENTO%20GEOGR%20F%20C%201%20F%20I%20C%202017/9-Harvey%20Espa%20e%20como%20Palavra%20Chave.pdf>> Acesso em 6 de junho de 2017.

LEFEBVRE, Henri. *A revolução urbana*. 1 reimpressão. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

_____. *A vida cotidiana no mundo moderno*. São Paulo: Editora Ática, 1991.

_____. *O direito à cidade*. 5 ed. São Paulo: Centauro, 2001.

LEONARDO, Maria. *Antropologia da Alimentação*. Volume 3, ano 2. Revista Antropos, 2009. Disponível em: <<http://revista.antropos.com.br/downloads/dez2009/Artigo%201%20-%20Antropologia%20da%20Alimenta%20e%203o%20-%20Maria%20Leonardo.pdf>> Acesso em 18 de abril de 2017.

MARCUSE, Herbert. *A ideologia da sociedade industrial*. 4 ed. Rio de Janeiro: Zahad Editores, 1973.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *A Ideologia Alemã*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

NESTLE, Marion. *Food Politics: how the food industry influences nutrition and health*. 2 ed. Los Angeles: University of California Press, 2007.

_____. *Why calories count: from science to politics*. Los Angeles: University of California Press, 2012.

NG, Marie et al. *Global, regional, and national prevalence of overweight and obesity in children and adults during 1980-2013: a systematic analysis for the Global Burden of Disease Study 2013*. The Lancet, Volume 384, Issue 9945, 766 – 781, 2014. Disponível em: < [http://www.thelancet.com/pdfs/journals/lancet/PIIS0140-6736\(14\)60460-8.pdf](http://www.thelancet.com/pdfs/journals/lancet/PIIS0140-6736(14)60460-8.pdf)> Acesso em 18 de junho de 2017.

POLLAN, Michael. *Cozinhar: uma história natural da transformação*. 1.ed. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2014.

SÁ, Rui. *Agrogénese Neolítica e Principais Transformações Agrícolas ao Longo da História Até a Revolução Francesa*. Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas – Universidade Técnica de Lisboa. IX Congresso Internacional de Estudantes de Antropologia. Barcelona, 2001.

SANTOS, Milton. *A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção*. 4 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

TRUSWELL, A. Stewart. *Medical history of obesity*. Artigo publicado em Nutrition and Medicine. Sydney, 2013. Disponível em: <https://opus.bibliothek.uni-wuerzburg.de/files/6707/Truswell_NUME_2_25_1_PB.pdf> Acesso em: 7 de maio de 2017.

VASCONCELOS, Deisy Lúcio. *Restaurantes: Evolução do setor e tendências atuais*. Brasília: Monografia (Curso de Especialização em Gastronomia e Segurança Alimentar) – Universidade de Brasília, 2006. Disponível em: <http://bdm.unb.br/bitstream/10483/499/1/2006_DeisyLucioVasconcelos.pdf> Acesso em: 7 de junho de 2017.

WARNER, Larkin; LONG, Eric. *Impact analysis of Oklahoma City's MAPS and other significant central city investments*. Greater Oklahoma City Chamber of Commerce, 2009. Disponível em: <http://www.greateroklahomacity.com/client/uploads/pdf/MAPS_Impact_Study_Executive_Summary.pdf> Acesso em 16 de junho de 2017.

WEISDORF, Jacob L. *From Foraging to Farming: Explaining the Neolithic Revolution*. Institute of Economics, University of Copenhagen. Blackwell Publishing, 2005. Disponível em: <<http://classes.uleth.ca/200701/anth1000b/foraging%20to%20farming.pdf>>. Acesso em 15 de abril de 2017.

WHO, World Health Organization. *Obesity and overweight*. 2016. Disponível em: <<http://www.who.int/mediacentre/factsheets/fs311/en/>> Acesso em 18 de junho de 2017.

WILSON, Linda D. *Oklahoma City*. The Encyclopedia of Oklahoma History and Culture, 2009. Disponível em: <<http://www.okhistory.org/>> Acesso em 16 de junho de 2017.